

A VIDA EM CAPÍTULOS: Um *Véu de Noiva* no automobilismo brasileiro

por Mauro Alencar

Véu de Noiva

mudança. Mostrar o Brasil na Tv. No lugar da espanhola *Rosa Rebelde*, aparecia na telinha a história da jovem Andréia (Regina Duarte) às voltas com Marcelo Monserrat (Cláudio Marzo), um corredor de automóvel

A publicidade já anunciava o novo fato: “Em *Véu de Noiva* tudo acontece como na vida real. A novela verdade”. Janete Clair, autora da novela, extraiu de um anúncio de jornal - “Vende-se um Véu de Noiva” - a idéia para a trama central.

Além disso, a corrida de automóveis servia como cenário numa época em que Emerson Fittipaldi despontava para a Fórmula 1. Regina Duarte, que vinha da novela *Os Estranhos* (TV Excelsior), também ganhava publicidade especial: “Só mesmo Andréia traria Regina Duarte para a Globo”.

Vivíamos o final de 1969 e a novela *Véu de Noiva*, de Janete Clair, com direção de Daniel Filho, foi um grande sucesso. Exibida às oito horas da noite, essa novela inicia a estratégia narrativa de mistério com a pergunta: “Quem matou?”. No caso, tratava-se de saber “*Quem matou Luciano?*” (Geraldo Del Rey), noivo de Andréia, mas apaixonado por Flor (Myrian Pérsia), irmã da protagonista. O elenco era formado, ainda, por Glauce Rocha, José Augusto Branco, Cláudio Cavalcanti, Betty Faria, Gilberto Marinho, Neuza Amaral, Ênio Santos e Ida Gomes, entre outros.

O avanço da produção da TV Globo também atingia a

trilha sonora, marcada e até hoje cultuada por seu tema principal: *Teletema* (Tema de Amor), uma composição de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar, cantada por Regininha. Os versos da música bem que poderiam ser uma declaração de amor de Andréia a seu amado corredor!

Azimuth (Mil Milhas - Tema de Marcelo), interpretado pelo Conjunto Apolo IV, Irene (tema da personagem vivida por Betty Faria), cantada por Elis Regina; e *Abertura*, uma composição de Guilherme Dias Gomes, foram alguns dos destaques do disco da marca Philips, que veiculava as trilhas sonoras das novelas da TV Globo. Pois a SIGLA - Sistema Globo de Gravações Áudio-Visuais - estava nascendo e, com ela, a marca Som Livre, criada especialmente para divulgar a trilha sonora dos programas da Globo.

E as novelas começavam a mostrar o Brasil na TV por estradas até então desconhecidas. E assim, há trinta anos atrás, vimos a década, “rumo estrada turva/só despedida/por entre lenços brancos de partida.... Rompendo laços, abraços, beijos...”

Afinal, quem matou Luciano?

Eu volto para contar sobre o primeiro transplante de coração bem-sucedido no mundo!



Apresentação

por Leandro Saraiva

É fato conhecido que, num mundo agitado pelas fusões sucessivas das megacorporações de comunicação, os limites entre o texto jornalístico e o texto ficcional de entretenimento vão perdendo progressivamente nitidez. Nessa guerra sem tréguas pela audiência, num sistema que tende à comunicação instantânea, ou quase, são cada vez mais raros o espaço e o tempo necessários à construção de textos mais elaborados, que busquem instrumentos de análise específicos aos casos em questão. Pressionados pela necessidade de imediatez de produção e

de consumo de seus textos-produtos, os jornalistas recorrem a formas de escrita que, de tão consagradas, assumem ares de “naturalidade” e “universalismo”. Frequentemente, essas formas são as da ficção mais assentada pelo consumo de massa. Num círculo legitimador, esse

discurso que se apóia na tradição narrativa, reforça-a, estendendo-a a novos objetos, através da autoridade investida nas instituições que têm o poder de enunciá-lo. O que é ocultado por essa legitimação é o trabalho de

construção do discurso, trabalho social, que transcende as ações individuais dos jornalistas - únicas, em sua especificidade, que não ameaça o poder da instituição, que são passíveis de crítica, nos termos admitidos por instâncias do próprio campo jornalístico (o ombudsman, por exemplo) -

e estabelece os parâmetros de um discurso que, ao narrar a realidade, a constitui.

Assim, que uma revista dedicada à análise da forma, de suas condições de possibilidade e de suas consequências, amplie seu horizonte para a análise de um texto jornalístico, não é um despropósito. É, sim, resultado de uma avaliação que percebe essa “formatação” do mundo por princípios dominantes, que vão além do especificamente cinematográfico, mas o determinam, como aos demais setores da cultura.

O cinema brasileiro, via de regra, tem se alheado da tarefa de por em tela esses princípios de visão e di-visão da sociedade. Agindo assim, acaba por atualizar matrizes de narração do mundo tornadas inconscientes pelo grau de sua consagração. Matrizes como as que Alfredo Manéy descobre na matéria de *Veja* abaixo analisada.

veja
~~indispensável~~